

agressivo, diferente do habitual, respondeu-lhe como quem, enfim, pode respirar. “Mãe, eu quero ser um menino.” A reação de Patrícia foi, imediatamente, perguntar qual seria o seu nome. “Declarei meu apoio e o abracei.” Da escola ao consultório do dentista, foi preciso intervir para que usassem o nome social dele.

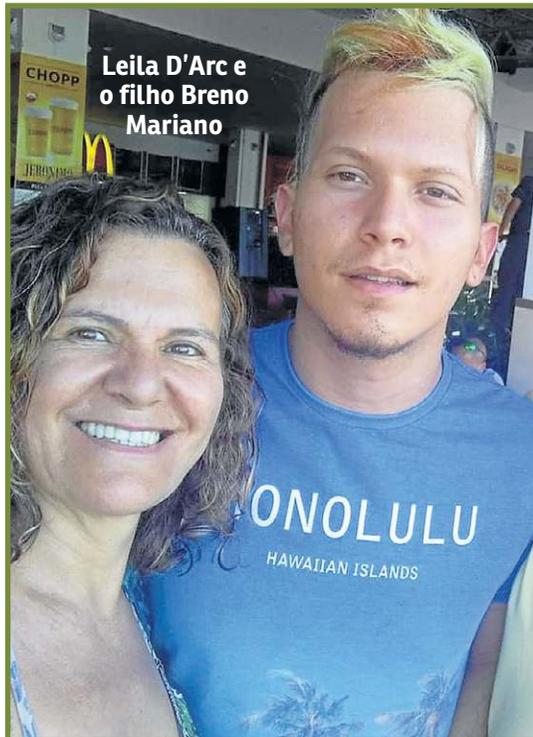
Recentemente, vendo que o irmão passou pela transição, e a família se mobilizou para apoiá-lo, Aurora revelou, aos prantos, passar por situação semelhante: “Mãe, na verdade, você teve duas meninas e um menino, porque eu sou uma menina”. Mais uma vez, seu colo de mãe estava ali. Queria protegê-los de tudo e de todos. Um equívoco, percebeu. Hoje, direciona o seu papel para torná-los fortes para o mundo. “Que eles tenham suas fragilidades pessoais e que eu possa colocar à disposição as terapias, os médicos e as possibilidades. Dar oportunidade de fala e escuta sensível para construirmos um caminho para as dores que eles apresentam”, desabafa.

Munidos do amor de Patrícia, a família aprendeu a ser resistência desde cedo. Os olhares tortos dentro de restaurantes, de hotéis e em viagens para Rafael e Thamyres trouxeram sofrimento por muito tempo. “Como assim, os pais brancos e essas pessoas pretas?”. A caçula, inclusive, já insistiu para alisar o cabelo e foi preciso todo um esforço por parte da mãe para mostrar a ela a grandiosidade da raça a que pertence, no qual o seu cabelo crespo é um dos atributos. Em meio a tantos padrões de beleza, a jovem encontrou nas tranças a identificação e o conforto que procurava. A professora e ativista abraçou mais uma causa, o antirracismo.

Redes de apoio

Aurora, Rafael e Thamyres sempre participaram, com a mãe, de todos os movimentos políticos e sociais nos quais se envolveu. O objetivo é imprimir para eles a noção de que, enquanto seres humanos, é preciso exigir respeito em todos os espaços. No Mães da Resistência, a constatação de que se mobilizar em conjunto é muito melhor só aumentou. Lá, elas se fortalecem com informações, desde a oferta de emprego até o auxílio em tratamentos. Todos os dias, Patrícia está em movimento. “Conduzo as pessoas a usarem os pronomes corretamente e uso minhas redes para divulgar toda e qualquer ação. Meu legado para meus filhos é esse. Nossa configuração familiar é essa. Tenho muito orgulho de tê-los como filhos.”

Arquivo pessoal



“Luto para honrar a existência do meu filho”

Quando a professora aposentada Leila D’Arc, 59 anos, foi chamada à escola do filho pela primeira vez, ainda na educação infantil e com a justificativa de que ele tinha comportamentos diferentes do esperado, já sentiu que os anos seguintes seriam desafiadores. Breno era uma criança carinhosa e cuidadosa, característica que incomodou, não os colegas de turma, mas os professores e os gestores.

A situação se repetiu inúmeras vezes até o ensino médio. Já o engajamento da mãe contra o preconceito cresceu proporcionalmente. E, para além dos muros da escola, ela sempre foi considerada culpada por tal “diferença” no filho, primeiro porque a orientação sexual dele não lhe preocupava e segundo pois, desde cedo, foi quem se mobilizou para defendê-lo, como é de praxe em muitos lares. “Nossa sociedade é muito cruel com as mulheres e com as mães”, acrescenta.

Já crescido, Breno começou a tocar como DJ em baladas da cidade, além de iniciar uma graduação em psicologia e um curso para tornar-se cuidador de idosos. Criativo, gostava também de produzir roupas em neon, atribuição que o fez ficar conhecido nas boates LGBTs como Been Neon e Alemão. “Ele era luz e tinha um sorriso maravilhoso. Sempre me pergunto quando ele perdeu essa alegria”, recorda.

Em 2020, aos 23 anos, o jovem partiu. “Meu filho se foi, mas eu continuo aqui e luto para honrar a sua existência, que não é somente individual, mas também, coletiva. Sua luz segue existindo.” Leila, que já era sindicalista, percebeu que era hora de se mobilizar por mais uma causa. Assim, em 2021, ingressou no movimento Mães da Resistência, do qual tornou-se coordenadora, aqui no DF, e secretária-geral.

A organização, nacional e presente em mais 16 estados, inclui familiares de pessoas LGBTQIAPN+ que lutam pelos direitos dos seus filhos. Lá, Leila e as demais ativistas acolhem e orientam outras mães, além de oferecerem apoio psicológico. O objetivo é conscientizar as famílias sobre a importância de fortalecer a luta por essas existências, tão ameaçadas pela intolerância. Ademais, o grupo é ativo em manifestações, em reivindicações no Congresso e em mutirões de retificação de nomes. Recentemente, lançou o curso Movimentos Sociais: da afetividade à efetividade e, ainda este ano, marcará presença na tradicional Parada do Orgulho, em São Paulo.

Todo dia, um novo dia

Quando Breno se foi, Leila precisou lidar com mais um estigma, o do suicídio. Muitos familiares e conhecidos, na tentativa de a consolar, faziam comentários inconvenientes e até desrespeitosos sobre a sexualidade do filho, atitudes que multiplicavam sua dor. “Como pode, uma sociedade adoecida, cobrar que todos estejam bem o tempo inteiro?”, perguntava-se, refletindo sobre os julgamentos que sua família recebia.

O suporte para, aos poucos, se fortalecer, veio da filha e dos netos, que asseguravam à avó que tudo ficaria bem. Foi na organização coletiva de mães, porém, que a ativista encontrou uma forma de dar continuidade ao legado do filho. Naquele espaço, sentiu-se abraçada. Foi salva, como destacou. Sobre a saudade de Breno, explica que tudo o que vem de bom também dói, porque ele não está. Mas, ao mesmo tempo, celebra sua memória à medida que acolhe os outros. “No movimento, aprendemos que quando nasce um filho LGBTQIAPN+, nasce uma mãe da resistência”, emociona-se.